

**“ESSE USO ESTÁ ADEQUADO?”: A PERCEPÇÃO DOS CARIOCAS
SOBRE AS FORMAS TU e VOCÊ**

**“IS THIS USE ADEQUATE?”: THE PERCEPTION OF RIO DE
JANEIRO SPEAKERS OF THE FORMS TU AND VOCÊ**

Bruna Brasil Albuquerque de Carvalho (UFRJ)

brunabrasil.ac@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5353-5314>

Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ)

celiar.s.lopes@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4344-1039>

RESUMO: Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre a percepção das formas tu e você na variedade carioca do PB. Para tanto, utilizamos uma metodologia experimental, por meio da aplicação de um teste de julgamento de adequação sociolinguística (CARVALHO, 2019). Nossa hipótese inicial era a de que existem diferenças quanto à percepção do uso de tu e você, relacionadas ao valor social das variantes e da ausência da concordância canônica de 2SG com tu (tu faz) na fala carioca. Adotamos, como pressupostos teóricos, a Sociolinguística Laboviana e a Pragmática Sociocultural. Os resultados evidenciaram julgamentos positivos para a forma você, independentemente do tipo de relação ou tipo de frase empregados, reforçando o caráter neutro de tal variante. O mesmo não se verificou para o tu, que recebeu julgamentos mais positivos nas relações simétricas do que nas relações assimétricas. Contrariando nossas expectativas, os resultados indicaram que a percepção sobre a forma tu parece não estar relacionada à ausência de concordância canônica.

PALAVRAS-CHAVE: variação pronominal; percepção; sociolinguística; linguística experimental.

ABSTRACT: In the present text, we show the results from a perception-based study on the forms tu and você in the Rio de Janeiro variety of Brazilian Portuguese, making use of an experimental methodology by applying a sociolinguistic adequacy judgement test (CARVALHO, 2019). Our initial hypothesis was that there are differences between the perceptions of the use of tu and você. These differences are related to the social values associated with the variants, and the absence of the standard agreement marks related to the

2SG with *tu* (*tu faz _____* {*you do _____/you make _____*}). In this project, we adopt Labovian Sociolinguistics and Sociocultural Pragmatics as our theoretical framework. The results point to positive evaluations on the uses of the form *você*. These results were independent from the types of relation or sentences in use. Thus, they reinforce the variant's neutral character. The same does not hold for *tu*. It received more positive evaluations when in symmetrical relation than when in asymmetrical ones. Finally, contrary to our expectations, the results show that perceptions on *tu* do not seem to be related to the lack of standard agreement marks.

KEYWORDS: pronominal variation; perception; sociolinguistics; experimental linguistics.

1 Considerações iniciais

Os pronomes de segunda pessoa do singular (doravante 2SG) têm sido objeto de investigação de diferentes pesquisas, tanto no âmbito da sincronia quanto no da diacronia. Estudos diacrônicos, com base em cartas e peças teatrais, apontam que, com a inserção de *você* no quadro pronominal do português brasileiro (PB), tal forma passa a funcionar como variante pronominal de *tu* a partir, principalmente, do século XX (cf. MACHADO, 2011; SOUZA, 2012; LOPES *et al.*, 2018).

Outro aspecto importante a ser mencionado sobre o tema é que o pronome *tu* é empregado em situações de menor grau de formalidade e maior intimidade entre os interlocutores desde a sua origem e, ainda hoje, associa-se a esses contextos de fala mais espontânea (LOREGIAN-PENKAL, 2004; SANTOS, 2012). Já o pronome *você*, que tem sua origem na forma de tratamento *Vossa Mercê* (RUMEU, 2008; MARCOTULIO, 2012; LOPES; RUMEU, 2015), vai se generalizando no PB e atualmente é considerado como uma forma neutra, que pode transitar entre contextos mais ou menos formais a depender de fatores sociopragmáticos (cf. LOPES *et al.*, 2009; SCHERRE *et al.*, 2015).

Com base em diversos estudos sociolinguísticos, Scherre *et al.* (2015) postulam 6 subsistemas possíveis para a realização de 2SG para posição de sujeito no PB, considerando, além dos pronomes, a concordância com o verbo. São eles: 1) Subsistema **só você**: uso exclusivo das variantes *você/cê/ocê*; 2) Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%; 3) Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%; 4) Subsistema **tu/você com concordância baixa**: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%; 5) Subsistema **tu/você com concordância média**: uso médio de

tu abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39% ; 6) Subsistema **você/tu** – *tu* de 1% a 90% sem concordância.

O Rio de Janeiro, foco da presente investigação, faz parte do subsistema (6), com possibilidade de preencher a posição de sujeito com pronome *você* ou pronome *tu* sem concordância canônica, como observado no exemplo a seguir:

1. Aí *você* dobra à direita assim *tu* vai ver logo o banco do Brasil nessa calçada de cá mesmo assim que *você* dobrar (SANTOS, 2012, p. 56)

Os trabalhos que investigam a variação *tu* ~ *você* com dados relativos ao Rio de Janeiro no passado demonstraram que, em fins do século XIX e na primeira metade do XX, a forma *tu* era associada a relações simétricas e mais íntimas, principalmente entre os homens, enquanto *você* predominava em relações mais assimétricas e de menor proximidade entre os interlocutores, na produção escrita feminina (cf. RUMEU, 2004; BARCIA, 2006; SOUZA, 2012).

Os estudos feitos com base em dados de fala mostram que ainda há divergências socioindexicais quanto ao uso de *tu* e *você* na variedade carioca. A variante *você* se estabeleceu como uma forma não-marcada, funcionando “como uma opção mais transparente utilizada em situações urbanas plurilíngues” (LOPES; SILVA, 2021, p. 143). A forma *tu* estaria associada a certas situações discursivo-pragmáticas ou a um grupo social específico, em atos diretivos de maior proximidade e identidade social na fala de jovens, principalmente entre os homens (cf. PAREDES SILVA, 2003; SANTOS, 2012). Quanto à presença da marca desinencial de concordância, Lopes e Silva (2021, p. 143) defendem a perda contínua do estigma social de *tu* sem a concordância canônica na fala urbana carioca.

Para além dos estudos calcados apenas em dados de uso, já foram feitos alguns trabalhos que se debruçaram sobre a percepção/avaliação dessa variável e sobre os valores sociais das formas de 2SG em localidades com o subsistema 6 (*você/tu*). Em uma pesquisa preliminar, com base em diálogos escritos, Lopes *et al.* (2016) identificaram que os falantes cariocas consideram o pronome *tu* mais adequado em relações simétricas do que em relações assimétricas, enquanto a forma *você* foi considerada adequada a ambos os contextos sociointeracionais. Tal pesquisa confirmou algumas hipóteses sobre a avaliação social das formas, mas o estudo deixou em aberto a discussão da questão da (ausência de) concordância canônica relacionada ao pronome *tu*. No estudo em questão, todas as ocorrências de *tu*

apareciam acompanhadas de verbo sem desinência de 2SG e, como a ausência de marcas desinenciais de concordância é um fenômeno que carrega uma avaliação social negativa no PB (VIEIRA, 2011), não se pôde afirmar ainda com esse estudo se os julgamentos dos participantes estariam relacionados à variante *tu* em si ou à forma verbal sem a desinência de 2SG.

Para um controle mais eficaz dessa questão, o presente trabalho propõe o refinamento do estudo de Lopes *et al.* (2016) a partir da realização de um teste de adequação sociolinguística em que os participantes deveriam avaliar se diálogos (orais) contendo *tu* e *você* -- seguidos ou não de verbo -- estariam adequados a diferentes situações sociocomunicativas. Em consonância com os postulados da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1972) no que tange ao *problema da avaliação*, o objetivo é tentar identificar a percepção/avaliação de falantes cariocas sobre os pronomes de 2SG em si de maneira mais precisa.

Para dar conta dos novos objetivos, recorreremos a preceitos da Pragmática Sociocultural (BRIZ, 2004) para examinar o tipo de relação (simétrica ou assimétrica) e separamos frases com ou sem verbo a fim de identificar se as avaliações estavam condicionadas à (ausência de) concordância com o pronome *tu*.

Assim, o artigo se estrutura da seguinte maneira: na Seção 2, “Revisão da literatura sobre o tema”, trazemos alguns estudos acerca da variação *tu* e *você* no Rio de Janeiro com base em dados orais e de percepção; na Seção 3, indicamos os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa; na Seção 4, descrevemos a metodologia desenvolvida para a aplicação do experimento e os procedimentos estatísticos; na Seção 5, analisamos e discutimos os resultados do experimento; por fim, encerramos o artigo com as considerações finais sobre a pesquisa.

2 Revisão da literatura sobre o tema

2. 1A variação *tu* ~ *você* na fala carioca

Conforme apontamos na introdução, na variedade carioca do PB predomina um subsistema misto para a 2SG, com variação entre *tu* e *você*. Os fatores sociais, como o gênero/sexo e a idade, têm sido apontados, nas análises de cunho variacionista, como mais

relevantes para a explicação desse fenômeno variável em amostras constituídas por dados orais da fala carioca (cf. PAREDES SILVA, 2003; SANTOS, 2012).

Paredes Silva (2003) defende que houve o retorno do pronome *tu* à fala carioca a partir de resultados obtidos em uma amostra de dezoito peças teatrais de autores cariocas (PAREDES SILVA, 2000). Nesse trabalho diacrônico, a autora identificou a substituição do pronome *tu* por *você* no início do século XX e um movimento de retorno do *tu* nas últimas décadas do mesmo século, mas combinado com verbos de terceira pessoa do singular.

No seu estudo de 2003, a pesquisadora elaborou o *corpus* “Paredes96”, constituído de conversas em situações espontâneas de fala, obtidas através de gravações ocultas. Os resultados gerais apontaram para um predomínio de *tu* (com 65%) sobre *você* (35%) e para a influência dos fatores sociais “sexo” e “idade” sobre o uso das formas de 2SG. Quanto à primeira variável, a autora identificou um peso relativo (P.R.) de .57 entre os homens e maior favorecimento de *tu* entre os jovens na faixa dos 20 anos: P.R. de .50 na faixa de 10-19 anos e .60 na de 20-29 anos (PAREDES SILVA, 2003, p. 166).

Outro estudo que demonstrou a influência de fatores sociais na variação *tu* e *você* no Rio de Janeiro é o de Santos (2012). A autora realizou gravações ocultas de conversas com transeuntes, vendedores ambulantes, bancários e vendedores de lojas de departamento. Para obter os dados, a pesquisadora solicitava informações com perguntas-gatilho do tipo “como eu faço para x”, esperando que o informante utilizasse formas de 2SG na resposta.

A pesquisadora identificou uma preferência pelo pronome *você* (80%), de maneira geral, em detrimento de *tu* (20%), mas observou que alguns fatores sociais favoreceram o uso deste pronome, como a profissão, o bairro, nível de escolaridade e o sexo do informante. Assim, o grupo que mais favoreceu o uso de *tu* foi o de ambulantes da Almirante Barroso, no centro da cidade (21%), seguido pelos informantes de Campo Grande (20%).

Na análise multivariada com todos os dados, a autora observou que os falantes com maior escolaridade (nível médio e superior) apresentaram favorecimento para a variante *tu* (P.R. de .529 para o ensino médio e .527 para o superior), o que foi impulsionado pela localidade (Zona Oeste com P.R. de .853). No cruzamento entre escolaridade e bairro, inclusive, o estudo mostrou maior frequência de *tu* entre os falantes de nível superior no bairro de Campo Grande (Zona Oeste). Quanto ao gênero/sexo, novamente os homens aparecem como favorecedores do uso de *tu* (.650), enquanto as mulheres desfavorecem esta forma (.352). Curiosamente, a variante *tu* “mais estigmatizada” foi favorecida em atividades laborais bastante díspares em termos de prestígio social: os ambulantes com .662 e os

advogados com .604. Nesse caso, a autora defende que o contexto de produção pode ter sido determinante na escolha de um tratamento mais ou menos vernacular. Nas gravações, os gerentes de banco e os vendedores estavam em seus ambientes de trabalho e, talvez, por isso o uso de *tu* tenha sido evitado. A interação com os advogados e os ambulantes, contudo, foi obtida nas ruas em situações mais informais, o que configurou um discurso menos monitorado.

2.2 Avaliação/percepção das variantes *tu* e *você* no Rio de Janeiro

Em uma pesquisa preliminar, Lopes *et al.* (2016) elaboraram um teste de julgamento de aceitabilidade (cf. DERWING; DE ALMEIDA, 2005) dos pronomes *tu* e *você* com 15 participantes (8 mulheres e 7 homens) do Rio de Janeiro. O teste consistia em avaliar legendas de cenas de filmes/seriados e dar uma nota de 1 a 5 considerando sua naturalidade e adequação em relação à situação em que apareciam. Foram controlados os pronomes *tu* e *você* e o tipo de relação empregada na cena (simétrica ou assimétrica).

Os autores observaram que o pronome *você* foi julgado positivamente, recebendo majoritariamente a nota 5 e raras vezes as notas 1 e 2 pelos participantes, independentemente do tipo de relação em que se inseria. Por outro lado, os participantes atribuíram majoritariamente a nota 3 ao pronome *tu* nos dois tipos de relação controlados, o que pode ter sido influenciado, segundo os autores, pelo meio de realização dos diálogos, visto que legendas ficam associadas a um texto escrito.

Para minimizar os efeitos da modalidade escrita na avaliação/percepção dos participantes, Carvalho (2017) elaborou um novo experimento no qual as formas de 2SG apareciam na dublagem das mesmas cenas do experimento anterior:

O segundo experimento, aplicado a 30 participantes (18 mulheres e 12 homens), demonstrou novamente uma avaliação positiva para o pronome *você*, independentemente do tipo de relação empregada na cena. Quanto ao pronome *tu*, os julgamentos foram diferentes em relação ao teste anterior. Nas relações assimétricas, os resultados foram inconclusivos, pois houve grande dispersão das notas, nas relações simétricas, entretanto, *tu* foi bem avaliado com notas altas (nota 5).

Os estudos supramencionados suscitaram alguns questionamentos/aspectos ainda não resolvidos na análise do subsistema *tu/você* do Rio de Janeiro. O primeiro deles, como apontado na introdução, seria a necessidade de refinar os testes de julgamento de modo a

minimizar o efeito negativo que a ausência da concordância canônica de 2SG pode causar na avaliação dos participantes. O segundo problema é o controle do contexto situacional em si e uma discussão mais precisa do tipo de relação social que as cenas criam no experimento. São esses os aspectos motivadores para a realização do experimento aqui proposto.

3 O problema da avaliação na Sociolinguística e a questão do tipo de relação: alguns fundamentos

Uma das questões centrais discutidas na Sociolinguística diz respeito ao conhecimento e comportamento do falante diante da mudança linguística, isto é, de que maneira os membros de uma comunidade de fala avaliam fenômenos em variação e como o falante percebe/identifica o significado social das formas variantes. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) chamam essa questão de *problema da avaliação* e apontam a importância de se observar a avaliação dos fenômenos em processo de mudança:

o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.124).

Ou seja, a avaliação é uma questão fundamental porque está relacionada às atitudes dos falantes diante da constatação de que sua língua está mudando. Assim, os falantes podem acelerar ou reter processos de mudança linguística de uma comunidade de fala, na medida em que se identificam com eles ou os rejeitam.

A escolha das variantes envolvidas no fenômeno em estudo está diretamente associada ao tipo de relação ou papel social existente entre os falantes. Assim, foi necessário buscar uma proposta que compreenda as relações sociais a partir da interação. Dessa forma, lançamos mão da *Pragmática Sociocultural* (BRAVO; BRIZ, 2004) para lidar com essa questão.

Com a finalidade de explicar a dinâmica da atividade cortês, Briz (2004) propõe filtros de avaliação hierarquizados que fazem parte do processo interacional, dentre os quais nos

interessa a solidariedade entre os interlocutores, que lida diretamente com o contexto interacional durante o diálogo.

A solidariedade, segundo o autor, faz referência às relações de proximidade e simetria entre os interlocutores. Para definir as relações mais ou menos solidárias, o autor apresenta algumas características que podem ser positiva ou negativamente marcadas para cada uma das propriedades elencadas:

Quadro 1- características das relações solidárias

Relações	+ solidárias	- solidárias
Proximidade	+ vivências comuns + saber compartilhado + contato + compromisso afetivo	- vivências comuns - saber compartilhado - contato - compromisso afetivo
Simetria	+ igualdade funcional + nivelção dos papéis ¹ + identidade grupal	- igualdade funcional - nivelção dos papéis ³ - identidade grupal

Fonte: baseado em Briz (2004, p. 80)

Observamos, assim, que as relações solidárias são estabelecidas a partir de dois níveis: o da proximidade e o da simetria. São consideradas pessoas próximas aquelas que mantêm vínculo por algum tempo, como familiares e amigos, e estão em nível de simetria por participarem de um mesmo grupo social e apresentarem funções semelhantes, como funcionários com o mesmo cargo em uma empresa, por exemplo. É interessante observar que nem sempre as relações mais próximas serão mais simétricas, porém, quanto mais próximas e mais simétricas forem as relações, mais solidárias elas serão.

Dessa forma, com base nos postulados de Briz (2004), selecionamos os contextos interacionais que fariam parte do experimento, considerando o tipo de interação entre os personagens em cenas consideradas *simétricas* e *assimétricas*.

¹Sobretudo aqueles derivados das características socioculturais, de idade, gênero, profissão etc., e aqueles marcados pelo mesmo contexto de comunicação, por exemplo, em uma situação de compra e venda, os de comprador e vendedor.

4 Metodologia

4.1 O Desenho do experimento

O experimento realizado na presente pesquisa é baseado na técnica chamada ‘Julgamento de aceitabilidade’ (DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013). Esses testes costumam exibir frases isoladas em telas brancas a participantes que devem julgar a aceitabilidade e a naturalidade de tais frases em sua língua. Considerando o caráter interacional do fenômeno, adaptamos a técnica para que ela se encaixasse nos propósitos da pesquisa e elaboramos um “teste de adequação sociolinguística” (CARVALHO, 2019) em que inserimos um vídeo curto com relações interativas contextualizadas.

Os itens experimentais faziam parte de um diálogo dublado (entre dois ou mais interlocutores) numa cena curta. As cenas contemplam os dois tipos de relação (simétricas e assimétricas). Uma das variantes analisadas (*tu* ou *você*) aparecia em duas estruturas diferentes: sujeito pronominal seguido de verbo (1) e sujeito de uma oração com elipse verbal (2). A frase a ser analisada surgia na última fala do diálogo.

1. Cena: aeroporto

Recepcionista – é necessário apresentar o visto de entrada.

Passageira – ahh... eu não sabia.

Recepcionista – **Mas tu precisa do visto.**

2. Cena: casal no shopping

Mulher – O que acha desse?

Homem – Achei o vestido bonito... pra ficar em casa.

Mulher – ahhh... **mais bonito que tu, bobo.**

4.2 Materiais

Para dar conta do fenômeno dialógico, selecionamos 40 cenas disponibilizadas no site *YouTube* por editoras de livros didáticos de língua estrangeira, sendo 20 de relações simétricas e 20 de relações assimétricas.

Depois de selecionar as cenas, criamos os diálogos que continham os pronomes, como ilustrado nas cenas experimentais (3a e 3b). Foram previstas cenas distratoras “boas” e “ruins” sem os pronomes em análise. As cenas distratoras “boas” não apresentavam

problemas. Já as distratoras “ruins” se caracterizavam por apresentar frases pouco naturais ou estigmatizadas, como o uso de *cujo*, *no qual*, *onde* e verbos no presente do indicativo em frases subjuntivas².

3a. Personagem 1 – o seu pedido vai demorar um pouco.

Personagem 2 - ok. **Você** pode trazer as bebidas então.

3b. Personagem 1 - hum... não é nada... é que... eu só tô na dúvida sobre qual queijo pedir.

Personagem 2 - Certo, **tu** pode experimentar se quiser.

4.3 Variáveis e condições

Controlamos, no experimento, três variáveis independentes: o pronome de 2SG, o tipo de relação e o tipo de frase, cada uma com dois níveis: 1) os pronomes de 2SG (*tu* e *você*); 2) o tipo de relação (simétrica e assimétrica); o tipo de frase (com verbo e sem verbo).

A primeira variável refere-se ao fenômeno em variação o que está sendo analisado. O tipo de relação diz respeito aos contextos sociointeracionais retratados nos vídeos. Como mencionado anteriormente, consideramos como relações simétricas aquelas em que há maior proximidade e menor hierarquia entre os interlocutores (interações entre familiares, amigos) e como relações assimétricas aquelas em que há menor proximidade e maior hierarquia entre os interlocutores (relação patrão – empregado / cliente – vendedor, entre outras) (cf. BRAVO; BRIZ, 2004).

O tipo de frase, terceira variável, refere-se à relação entre o pronome e o verbo. As frases ‘com verbo’ são aquelas em que o pronome se relaciona diretamente ao verbo como sujeito e predicado (em 4 e 5); aquelas denominadas ‘sem verbo’ apresentam verbos sem relação direta com o sujeito pronominal (em 6) ou são estruturas com verbo elíptico (em 7).

4. Mas **tu precisa** do visto.

5. **Você vai** adorar a cidade.

6. Ah, mas **tu e o Carlos** sempre **foram** os melhores, né.

7. Ah! Eu prefiro o cheddar, e **tu** Ø?

² Exemplos de frases distratoras “ruins”: Pode ser que eu **pago** hoje. / O livro **no qual** eu leio.

A combinação entre as três variáveis de dois níveis gerou 8 condições experimentais, com design 2x2x2:

Quadro 3 - condições do experimento

Grupos	Condições experimentais	
Grupo 1	Tu-simétrico-com verbo	Você-simétrico-com verbo
Grupo 2	Tu-simétrico-sem verbo	Você-simétrico-sem verbo
Grupo 3	Tu-assimétrico-com verbo	Você-assimétrico-com verbo
Grupo 4	Tu-simétrico-sem verbo	Você-simétrico-sem verbo

Fonte: Carvalho (2019)

Dividimos o experimento em 4 grupos, com 10 participantes em cada, com o intuito de tornar o teste menos extenso para os participantes devido à quantidade de cenas experimentais. Todos os participantes assistiam a cenas contendo os dois pronomes de 2SG; o que diferenciava um grupo do outro era o tipo de relação e o tipo de frase aos quais os participantes eram expostos. Assim, as cenas dos grupos 1 e 2, bem como dos grupos 3 e 4, eram as mesmas e se diferenciavam apenas pelo tipo de frase experimental que aparecia nos diálogos:

Figura 1 - cena “recepção de hotel” com frases dos grupos 1 e 2



G1 – Sim, tu pode deixar as bolsas aqui.
G2 – Sim, tu e ela podem deixar as bolsas.

Fonte: Carvalho (2019)

Figura 2 - cena “amigos indo almoçar” com frases dos grupos 3 e 4



G3 – Tudo bem...você escolhe o lugar então.
G4 – Tudo bem...eu gosto do Taco's e você?

Fonte: Carvalho (2019)

Cada condição aparecia 4 vezes para os participantes, totalizando 8 cenas

experimentais por grupo, além de 16 cenas distratoras, de forma que os participantes de cada grupo julgavam 24 cenas ao todo.

4.4 Procedimentos do experimento

O experimento, programado no *Psyscope X B77* (COHEN *et al.*, 1993), foi aplicado durante o mês de dezembro de 2018 e março de 2019. Antes de iniciar o experimento, explicávamos que os participantes assistiriam a cenas de situações diversas e deveriam atribuir uma nota (de 1 a 5) considerando a naturalidade e adequação dos diálogos dublados em relação à cena. Naturalidade era definido como aquilo que soa natural, que não causa estranhamento aos participantes e adequação era explicado como aquilo que se adequava à situação da cena, à interação entre os personagens, considerando que tipo de relação os personagens desempenhavam na cena.

As cenas se apresentavam de forma randômica e ao final de cada uma delas aparecia uma tela com os números da escala e um ponto de interrogação para que os participantes atribuíssem as notas. As cenas não poderiam ser pausadas, nem era possível assisti-las novamente. O teste teve duração média de 10 minutos.

4.5 Participantes

O experimento contou com a participação de 40 sujeitos nascidos e/ou residentes na região Metropolitana do Rio de Janeiro³. Destes, 30 eram mulheres e 10 homens entre 17 e 40 anos de idade, sendo 25 da Zona Norte, 11 da Zona Oeste, 2 da Zona Sul, 1 do município de São Gonçalo e 1 de Nova Iguaçu. Todos eram graduandos em Letras na UFRJ, a maioria do primeiro período.

4.6 Procedimentos estatísticos

Os dados fornecidos pelos participantes foram organizados em planilha do *Excel* para que, posteriormente, fosse realizado o tratamento estatístico por meio da plataforma *R* (R

³Um participante do grupo 3 e uma do grupo 1 nasceram fora do estado, mas moram no município do Rio de Janeiro há 28 e 15 anos, respectivamente. Todos os outros nasceram e moram na região metropolitana do Rio de Janeiro.

CORE TEAM, 2021). A análise estatística contou com três etapas: 1) análise univariada, na qual são cruzadas cada uma das variáveis predictoras com a variável resposta (as notas), para definir as variáveis que entrariam no modelo de regressão com base em resultados de testes de qui-quadrado; 2) comparação de modelos aninhados, isto é, a comparação do modelo mais complexo (com todas as variáveis e interações) com modelos mais simples até definir o melhor modelo para explicar o fenômeno; 3) rodada do modelo de regressão logística com as variáveis consideradas estatisticamente significativas nas etapas anteriores.⁴

Na primeira etapa, a das análises univariadas, utilizamos como nível de significância de 25% para a entrada das covariáveis no modelo (geralmente utiliza-se um nível conservador de até 25%, conforme Abreu *et al.*, 2009) com base em testes de qui-quadrado (χ^2). Assim, o resultado da análise univariada, com testes de qui-quadrado, indicou as seguintes variáveis com nível de significância de até 25%, isto é, com p-valor ≤ 0.25 : *sexo* ($\chi^2 = 6.0009$, $p = 0.19$); *tipo de relação* ($\chi^2 = 21.224$, $p < 0.001$); *tipo de frase* ($\chi^2 = 5.3178$, $p = 0.25$) e *pronome* ($\chi^2 = 49.551$, $p < 0.0001$). Não entraram no modelo as variáveis *região* ($\chi^2 = 2.9168$, $p = 0.57$) e *faixa etária* (0.79622, $p = 0.93$), porque os valores de p foram maiores do que 0.25.

Em seguida, ajustamos um modelo de regressão logística ordinal (CHRISTENSEN, 2019) com a nota como variável resposta e pronome, tipo de relação, tipo de frase e sexo como efeitos fixos, além de participante e item como efeitos aleatórios. Uma comparação de modelos aninhados, com testes de razão de verossimilhança (função anova), mostrou que nem a interação entre pronome e tipo de relação (Likelihood Ratio = 0.3296, $p = 0.56$) nem entre pronome e tipo de frase (LR = 3.0785, $p = 0.07$) tiveram efeito significativo, assim como o tipo de frase (LR = 1.3123, $p = 0.25$) e o sexo dos participantes (LR = 0.37354, $p = 0.05$): em todas essas comparações, o valor de p foi igualou maior do que 0.5. Dessa forma, o melhor modelo ajustado⁵ tinha como efeitos fixos apenas pronome e tipo de relação, sem interação entre eles, além de participante e item como efeitos aleatórios⁶.

5 Resultados e discussão

5.1 O tipo de relação

⁴ Para compreender melhor as etapas do procedimento realizado, verificar o tutorial de Godoy (2019)

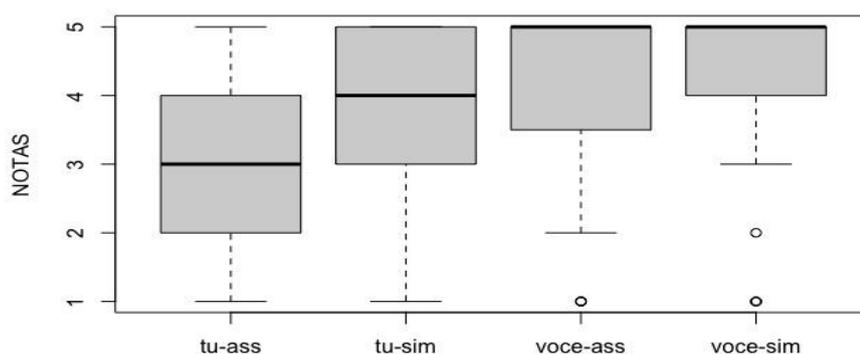
⁵ NOTA ~ PRONOME + RELACAO + (1|PARTICIPANTE) + (1|ITEM), data = dados

⁶ Comparação entre modelo com pronome e relação e modelo sem relação: LR = 5.4716, $p < 0.05$ / Comparação entre modelo com pronome e relação e modelo sem pronome: LR = 18.808, $p < 0.0001$.

A hipótese principal desta pesquisa era a de que haveria influência do tipo de relação presente nas cenas no julgamento dos participantes em relação aos pronomes de 2SG. Nossa previsão era a de que o pronome *tu* receberia julgamentos mais positivos nas cenas de relação simétrica do que nas de relação assimétrica; já a forma neutra (*você*) seria avaliada positivamente pelos participantes nos dois tipos de relação. Além disso, os julgamentos do pronome *você* seriam mais positivos em relação aos julgamentos de *tu*.

Oboxplot (“gráfico de caixas”) na Figura 3 apresenta a concentração das notas dos julgamentos dos participantes correlacionando os pronomes com o tipo de relação. As quatro caixas do Gráfico representam por ordem: 1) o pronome *tu* em relações assimétricas, 2) o pronome *tu* em relações simétricas, 3) o pronome *você* em relações assimétricas e 4) o pronome *você* em relações simétricas, como está indicado nas legendas abaixo do gráfico.

Figura 3 - julgamento dos pronomes de 2SG em função do tipo de relação



Fonte: elaborado pelas autoras

Como observamos no gráfico, o pronome *você* foi avaliado de forma mais positiva em relação ao pronome *tu*, uma vez que a mediana (linha em **negrito**) atinge o ponto mais alto da escala (nota 5) para os dois tipos de relação. Além disso, as caixas da forma *você* também se concentram na parte superior do gráfico nos dois tipos de relação. Os julgamentos do pronome *tu*, por outro lado, considerando os dois tipos de relação, apresentam medianas 3 e 4, ambas abaixo das notas dadas para a variante *você*.

Destacamos, ainda, que o padrão dos julgamentos para o pronome *tu* se diferencia quanto ao tipo de relação: a “caixa” relativa à dispersão das notas para *tu* nas relações assimétricas se concentra em uma parte intermediária do gráfico, entre 2 e 4, e sua mediana é 3; já nas relações simétricas, os julgamentos de *tu* se concentram entre 3 e 5 e a mediana é 4. Isso mostra que o pronome *tu* foi avaliado positivamente nas relações simétricas e, nas

relações assimétricas, recebeu um julgamento mais próximo do ponto neutro da escala. A forma *você*, por outro lado, parece não ter recebido julgamentos diferentes de acordo com o tipo de relação tendo, nos dois casos, mediana 5, como mencionado anteriormente. Uma (sutil) diferença é identificada nas relações assimétricas em que a concentração e dispersão das notas foi um pouco maior.

Para identificar se as diferenças observadas entre as notas dadas para os pronomes de acordo com o tipo de relação são estatisticamente significativas, realizamos um modelo de regressão ordinal. Esse modelo estatístico indica as estimativas e a significância das diferenças comportamentais apresentadas e, para esta análise, consideramos as informações contidas no beta (β) e no valor de p, de forma que são consideradas diferenças significativas aquelas em que o valor de p é menor que 0,05 ($p < 0,05$). O valor de p é definido como “a probabilidade de a estatística do teste acusar um resultado tão ou mais distante do esperado como o resultado ocorrido na particular amostra observada, supondo H_0 (hipótese nula) como a hipótese verdadeira” (BARBETTA *et al.*, 2010, p. 203). Já o *beta* indica o tamanho dos efeitos das variáveis controladas em relação à resposta. Assim, conforme Christensen (2019, p. 16), valores β positivos aumentam a chance de classificação em categorias mais altas enquanto valores de β negativos diminuem a chance de classificação em categorias mais altas; ou seja, na presente pesquisa, os coeficientes (β) positivos indicariam que uma condição aumenta a probabilidade de o participante considerar o estímulo como adequado/natural e os coeficientes negativos indicariam que uma condição diminui a probabilidade de o participante considerar o estímulo como adequado/natural.

Assim, no modelo sem considerar a interação, identificamos que o pronome e o tipo de relação com todos os dados, conforme previsto nas nossas hipóteses, apresentaram os resultados estatísticos significativos. Quanto ao primeiro, observamos que os estímulos contendo o pronome *você* aumentam significativamente a chance de o participante considerar a cena assistida como adequada/natural ($\beta = 0,46$, $p < 0,001$) em relação aos estímulos com pronome *tu* no que se refere ao tipo de relação, a condição “relação simétrica” aumenta significativamente a chance de o participante considerar a cena assistida como adequada/natural ($\beta = 1,10$, $p < 0,05$) em comparação com a condição “relação assimétrica”.

Cabe-nos discutir como esses resultados dialogam com nossas hipóteses iniciais sobre a avaliação das formas *tu* e *você* por falantes cariocas. As análises estatísticas comprovaram que a avaliação para os pronomes de 2SG se diferencia entre si e quanto aos contextos sociointeracionais controlados. Essa diferença indica que a forma *você* é amplamente aceita

pelos falantes cariocas e, como forma não-marcada na variedade carioca atual, é provável que continue sendo utilizada em diferentes contextos sociointeracionais (simétricos e assimétricos). A forma *tu*, por sua vez, foi considerada como mais adequada nas relações simétricas do que nas assimétricas. É provável que a própria natureza dos diálogos criados para as cenas tenha favorecido os julgamentos dos participantes, uma vez que, como dissemos, nas cenas tidas como simétricas prevaleceram interações interpessoais com conversas cotidianas entre amigos ou vizinhos. As cenas assimétricas eram praticamente de relações transacionais em contextos associados ao trabalho com algum tipo de relação de compra-venda, conversação acadêmica entre professor-aluno, etc. Em termos de avaliação, é natural que os participantes tenham julgado mais positivamente o *você* do que o *tu* que ainda não é considerado tão adequado e usual nesse contexto, mesmo entre os falantes cariocas que empregam as duas variantes para se referir ao interlocutor.

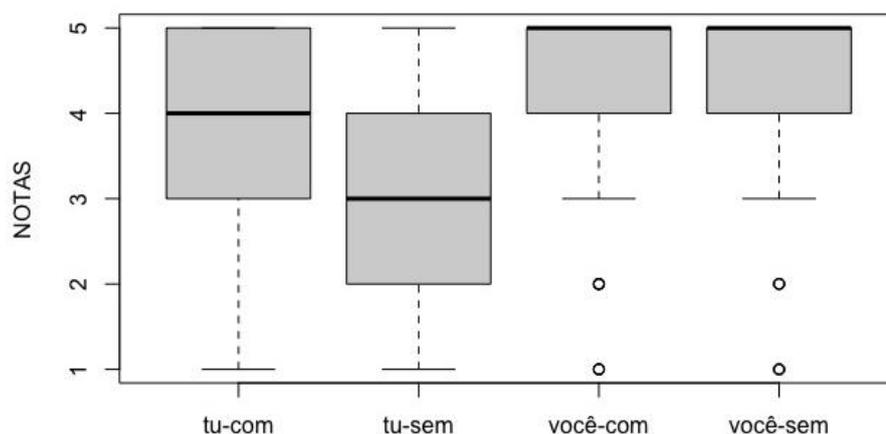
5.2 O pronome *tu* e a questão da concordância

O Gráfico a seguir (Figura 4) traz as informações sobre o julgamento dos pronomes em função do tipo de frase. O objetivo era controlar se as avaliações mais negativas para *tu* em relação a *você* estariam relacionadas à forma em si ou ao fato de o verbo não apresentar desinência verbal canônica de segunda pessoa. Por essa razão, elaboramos frases com e sem verbo relacionado aos pronomes para tentar observar se a ausência da desinência verbal levaria a um julgamento negativo. Como mencionado anteriormente, as frases contendo os pronomes apresentavam dois padrões: com verbo, quando havia relação direta entre o pronome e o verbo (mas ***tu precisa*** do visto); e sem verbo, quando o pronome se encontrava em uma estrutura de coordenação e o verbo era omitido (eu prefiro cheddar, e ***tu?***) ou quando o pronome era parte de um sujeito composto e o verbo não se relacionava diretamente a ele (sim, ***tu e ela podem*** deixar as bolsas).

Nossa hipótese para a variável ‘tipo de frase’ era a de que o julgamento mais negativo associado ao pronome *tu* estaria relacionado à falta de concordância canônica, tendo em vista que a ausência de concordância verbal é tida como um fenômeno estigmatizado (VIEIRA, 2011) que ainda pode gerar avaliações negativas. Assim, era de se esperar que, se a questão do *tu* fosse a concordância, as frases em que havia relação entre pronome e verbo (sempre sem a concordância canônica) receberiam avaliações negativas.

No Gráfico a seguir, as condições aparecem na seguinte ordem: 1) *tu* com verbo, 2) *tu* sem verbo, 3) *você* com verbo e 4) *você* sem verbo.

Figura 4: - julgamento dos pronomes de 2SG em função do tipo de frase



Fonte: elaborado pelas autoras

A distribuição presente no gráfico indica que o julgamento do pronome *você* não sofreu interferência da variável “tipo de frase”, o que pode ser notado pelo padrão visual do gráfico, com a mesma concentração (com notas de 4 a 5) e mesma mediana (5). Já o julgamento do pronome *tu* apresentou padrões diferentes de acordo com o tipo de frase, uma vez que a concentração das notas para frases com verbo relacionado a este pronome se posiciona numa parte superior do gráfico (de 3 a 5) e as de *tu* sem verbo ficam na parte central do gráfico (de 2 a 4). As medianas também são diferentes: *tu* com verbo com mediana 4 e *tu* sem verbo com mediana 3.

Conforme mencionado anteriormente, a variável tipo de frase não foi considerada estatisticamente significativa, tendo sido retirada do modelo de regressão logística com base na comparação de modelos aninhados, que demonstrou que tal variável não teve efeito para o modelo.

Esse resultado, embora preliminar, parece indicar que a percepção do pronome *tu* pode não estar relacionada à falta de concordância canônica, contrariando as nossas hipóteses para essa variável, tendo em vista que as diferenças entre os tipos de frase não foram estatisticamente significativas. Além disso, conforme mencionado, as frases “sem verbo” receberam notas mais baixas do que as frases “com verbo”, o que pode ser explicado por um dos critérios utilizados para fornecer os julgamentos: a naturalidade.

Antes de iniciar o experimento, os participantes eram orientados a julgar, além da adequação, a naturalidade dos diálogos. Tal critério se refere àquilo que soa natural aos participantes, isto é, o que eles estão acostumados a ouvir sem causar estranhamento. Assim, é possível que os participantes tenham sido sensíveis à naturalidade das frases e por isso julgaram de forma mais negativa as cenas com frases sem verbo, porque provavelmente as consideraram menos naturais. Dessa forma, para as cenas de frases sem verbo, além da adequação, a naturalidade pode ter influenciado o julgamento dos participantes, o que não aconteceu (ou aconteceu de maneira menos evidente) nas cenas de frases com verbo. Cabe ressaltar, porém, que essa explicação carece de confirmação e, para evidenciar essa questão de forma mais precisa seria necessário desenvolver um novo teste, voltado para a naturalidade das frases.

6 Considerações finais

A partir dos resultados obtidos e com base nas discussões levantadas acerca da percepção/avaliação da variação pronominal de 2SG na posição de sujeito no dialeto carioca, sintetizamos alguns aspectos sobre o tema evidenciados durante a pesquisa.

Em relação ao pronome *você*, pudemos identificar que os participantes cariocas julgam essa variante como adequada tanto para as relações simétricas quanto para as assimétricas. Esse resultado corrobora a visão de que o pronome *você* é a forma não marcada no dialeto carioca, como apontado por diversos estudos com base em dados de uso (PAREDES SILVA, 2003; LOPES, *et al.*, 2009; SANTOS, 2012), que indicam que tal variante circula por diversos contextos sociointeracionais.

Foi possível observar, ainda, que o pronome *tu* foi considerado mais adequado quando utilizado em situações de relações simétricas e menos adequado nas relações assimétricas. Esse resultado foi evidenciado também em pesquisas com base em dados de uso, que apontam um favorecimento de *tu* em situações mais íntimas e mais informais entre os falantes (DIAS, 2007; SANTOS, 2012).

Além disso, um resultado inédito se deu no que tange à questão da concordância envolvendo tal variante. Como mencionado anteriormente, o pronome *tu* aparece na fala carioca atual sem a marca desinencial de 2SG (*tu vai* por aqui) e, por conta disso, trabalhos anteriores apontavam essa justificativa para as baixas frequências de *tu* encontradas nas pesquisas. Com base nisso, pudemos dar início a uma investigação que traz evidências

preliminares sobre essa questão: os resultados da pesquisa parecem indicar que, no âmbito da percepção, é a própria forma *tu* que carrega os julgamentos e não a falta de concordância canônica associada ao pronome, uma vez que as frases de *tu* “com verbo” (sem a desinência verbal de 2SG) receberam avaliações mais positivas do que as frases em que não aparece verbo associado ao pronome. Análises experimentais complementares precisam ser refeitas para reiterar essa proposição, uma vez que, em nosso experimento, essa condição não foi considerada estatisticamente correlacionada às avaliações dos participantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. N. S. *et al.* Regressão logística ordinal em estudos epidemiológicos. In: *Revista da Saúde Pública*, v. 43, n. 1, p. 183-194, 2009.

BARCIA, L. R. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D. BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

CARVALHO, B. B. A. de. *O efeito da variável “tipo de relação” sobre a percepção dos pronomes tu e você: uma análise experimental*. (Monografia). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2017.

CARVALHO, B. B. A. de. “O que você acha do uso de tu?”: a percepção da variação dos pronomes de 2SG no dialeto carioca. Dissertação de Mestrado. Mestrado (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

CHRISTENSEN, R. H. B. *Cumulative Link Models for Ordinal Regression with the R Package Ordinal*. 2019. Disponível em: https://cran.r-project.org/web/packages/ordinal/vignettes/clm_article.pdf (acesso em 28 de abril de 2022).

COHEN, J.D.; *et al.* PsyScope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments and Computers*, 25(2), 1993, p. 257-271.

DERWING, B. L.; DE ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (eds.). *Processamento da Linguagem*. Pelotas: Educat, 2005, p. 401-442.

Organon, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 59-79, jan/jun. 2022.
DOI: 10.22456/2238-8915.122710

DIAS, E. P. O uso do tu no português brasileiro falado. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

GODOY, M. C. (2019). Introdução aos modelos lineares mistos para os estudos da linguagem. PsyArXiv. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/9T8UR>

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford, Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008[1972].

LABOV, William. *Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular*. University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; Santos, V. M.; SILVA, A. S. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. *Neue Romania*. v. 39, p. 49-66, 2009.

LOPES, C.R. dos S.; RUMEU, M. C. B. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *Labor Histórico*, v. 1, p. 12-25, 2015.

LOPES, C.R. dos S.; OLIVEIRA, T. L. de; CARVALHO, B. B. A. de. A Expressão da 2ª Pessoa do Singular: Variação e Percepção numa Abordagem Experimental. *Revista todas as letras (MACKENZIE. Online)*, v. 18, p. 117-132, 2016.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; OLIVEIRA, T. L. de. A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979). *ESTUDOS DE LINGUISTICA GALEGA*, v. 1, p. 29-44, 2018.

LOPES, C. R. dos S.; SILVA, T. F. T. A. Uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais. *Revista A Cor das Letras*, v. 22, p. 327-351, 2021.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

MACHADO, A. C. M. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

MARCOTULIO, L. L. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. Tese de Doutorado. (Doutorado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

PAREDES SILVA, V. L. 2000. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa na fala carioca ao longo do século XX. In: Congresso Nacional da ABRALIN, 2., 2000. Florianópolis, Anais... Florianópolis: ABRALIN, 2000. CD-ROM.

PAREDES SILVA, V. L. 2003. O retorno do pronome tu à fala carioca. Em: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (eds.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 160-169.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. Último acesso em 29/04/2022. URL <http://www.R-project.org/>

RUMEU, M. C. B. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

RUMEU, M. C. B. A categoria “pronome” na construção da metalinguagem no português. In.: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2008.

SANTOS, V. M. *Tu vai para onde?... Você vai para onde”*: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.

SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas)) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 85-102.

WEINREICH, U. LABOV; HERZOG, W. *MI Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Artigo submetido em: 27 fev. 2022

Aceito para publicação em: 08 maio 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122710>